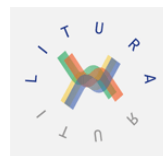


OS DOIS CORPOS DA ESCRITA

Marcus André Vieira



Resumo: “A lição VI do Seminário da Orientação Lacaniana, de Jacques-Alain Miller, *Peças avulsas*, trata essencialmente das relações entre fala e escrita, no que concerne à clínica psicanalítica, sob o prisma do último ensino de Lacan e retoma a discussão implícita entre ele e Derrida.”

Palavras-Chave: escrita, fala, psicanálise, letra.

A lição VI do Seminário da Orientação Lacaniana, de Jacques-Alain Miller, *Peças avulsas*, trata essencialmente das relações entre fala e escrita, no que concerne à clínica psicanalítica, sob o prisma do último ensino de Lacan.

O ponto de partida é o de uma concepção corrente que opõe, como diz François Regnault, “a verde árvore da vida ao cinza da teoria”¹¹ ou ainda, teoria e prática, saber e ato e assim por diante.

Esta oposição, ao longo da lição, será progressivamente substituída por novos pares dialéticos, cada vez mais distantes do senso comum. Afinal, se tivéssemos que conceber realmente dois universos distintos: o do acontecimento – singular e dinâmico – e o de seu registro – universal e congelado – como agir sobre uma vida a partir do que dela se deposita à maneira de uma escrita, em uma análise?

Esta oposição poderia ser equivocadamente traduzida em termos lacanianos, bastando opor de modo análogo ao acima o “isso fala” a um “está escrito”. Miller corrige imediatamente esta leitura afirmando que existe também “aquilo que está/é escrito de maneira a fazer com que isso fale”. Trata-se do objetivo de Lacan com seus matemas, o de “inscrever o pathos”, por exemplo com a letra **a**.

Isso impede qualquer oposição simples entre o Lacan estruturalista e o barroco, o dos matemas e o do poema, como se o primeiro fosse um positivista ingênuo e o segundo o verdadeiro psicanalista. Esta profunda injustiça para com Lacan, parece-me efetivada por uma espécie de *furor didacticus* que sempre perde em real o que ganha em saber.

O novo par será então um “escrever o falado” e “falar o escrito”. Nas duas expressões a oposição é relativa. Na primeira, do matema, o “isso” pode ter lugar na representação. Na segunda, exemplificada por Miller com recurso à história, indica-se que em muitas situações ocorre de não se supor nenhuma gaveta onde estaria guardada a escrita. Apenas quando vocalizada, apenas no momento de sua “passagem pela voz”, ela realmente existiria.

¹¹ Regnault, F. Em torno do vazio, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2002, p. 36.

Com base neste par, Miller propõe, então, uma oposição fundamental, não mais absoluta, mas ainda sim oposição, entre dois modos da escrita ou, como diz, “dois corpos da escrita”: a escrita no sentido e a escrita fora do sentido.

De um lado, situa-se o texto, um “escrito que fala”, que se constitui como discurso, que comunica um sentido, o significante e o sintoma. De outro lado, temos o desenho, o nó, a escrita como marca (de onde provém a teorização lacaniana do traço unário), a letra e o sinthoma, que não se lê e muito menos se compreende.

É preciso cuidado para não deixar a oposição inicial retornar. Não se pode conceber o binômio milleriano como aquele de duas escritas distintas, de dois mundos heterogêneos. Não se trata de dois corpos estranhos mas de dois corpos da escrita, algo como se uma escrita habitasse a outra, apoiando-se nela, tal como Freud indica que a pulsão se apóia no instinto.

A referência à “Lituraterra” é fundamental, pois neste texto Lacan distingue claramente a letra do significante, além de promover uma escrita que incorpora em si o gozo, tal como a caligrafia japonesa. Neste sentido, permito-me transcrever a seguinte passagem de um artigo coletivo elaborado no núcleo de pesquisas *Práticas da Letra* do Instituto de Clínica Psicanalítica (ICP-RJ):

“Lacan se serve da letra para designar o suporte do significante, pura marca que inaugura a bateria e que, por isso, não é em si significante, associando-a também ao gozo. Será que se trata apenas de uma analogia entre a letra nossa de todo dia e o conceito lacaniano de letra ou estamos diante de duas faces da mesma coisa? O fato é que, do mesmo modo que a marca que o Outro simbólico inscreve no corpo, a letra em um escrito é o suporte da mensagem, da identificação. O mais importante, porém, é que ela nos permite registrar o gozo que lhe dá existência. Ela é virtual e universal, mas ao mesmo tempo só está ali por ter sido, ao menos originalmente, traçada na forma singular de uma caligrafia. O autor lida com a letra de forma homóloga com que todo falante está às voltas com sua inapreensível singularidade e, ao mesmo tempo, com sua tão material forma de gozo. Tipográfica e caligráfica, a letra possui duas vertentes que nos permitem pensá-la como ponto de encontro do furo e do lixo, entendendo-a como uma montagem entre sujeito e objeto: furo como o que desestrutura o Outro e objeto que pende dele.²³ Habitualmente, numa estrutura organizada pelo Nome-do-Pai, é a primeira vertente que prima. A letra, concreta, funciona apenas como suporte da mensagem, etérea, sem que a singularidade de sua forma seja contabilizada para o efeito de sentido que ela transmite. Dessa forma, a letra como tal é descartada a cada vez que a mensagem é passada. Isso é válido inclusive para as letras virtuais. Prova disso é o seguinte e-mail recebido nessa maré de mensagens que são enviadas pela Internet: “De aorcd com uma pqsieusa de uma uinrvesriddae ignlsea, não ipomtra em em qaul odrem as lrteas de uma plravaa etãso, a úncia csioa iprotmatne é que a piremria e útmliã lrteas etejasm no lgaur crteo. O rseto pdoe ser uma ttaol bçguana que vcoê pdoe anida ler sem pobrlmea. Itso é poqrue nós não lmeos cdaa lrtea isladoa, mas a plravaa cmoo um tdo. Vdaerde!” A angústia que ocorre num primeiro olhar ante esta mensagem se retira de cena quando ela é compreendida. Por outro lado, quando a vertente material da letra prima, há perturbações na ordem estabelecida. Quando o que porta a mensagem se apresenta em seu aspecto real, aí temos

²³ .Laurent, E. “La lettre volée et le vol sur la lettre”. Em : *La Cause freudienne*, n° (?). Paris: ECF, 1999, pp. 31-46.

a letra como objeto/dejeto. O significante não é apenas funcional; em si, ele porta uma materialidade – carta/letra –, que habitualmente se presta a um uso outro: ser rasurada, amassada, rasgada. A psicanálise, de certa forma, recupera esta função da letra. ”Será em *Lituraterra* que, a partir da noção de *litoral*, a letra será separada do significante, ao mesmo tempo distinguindo e articulando dois registros heterogêneos: sujeito e objeto ou, de modo mais geral, simbólico e real.”³²

Do radical ponto de vista de Miller nesta lição, muitas afirmações surpreendentes se tornam possíveis. Se o essencial do ato analítico está do lado do *sinthoma*, como escrita fora do sentido, pode-se dizer que o inconsciente, ao menos o freudiano, tomado como discurso do mestre, está no avesso da psicanálise, já que ele faz o gozo passar ao discurso, enquanto que uma análise, ao menos no horizonte de sua conclusão, faria este gozo desvelar-se com um nó assemântico de significantes.

Miller chega a dizer ainda que o sintoma freudiano, ao levar a letra para o plano do discurso, faria o contrário do *sinthoma* de Joyce que implode o sentido e o discurso. Depreende-se que o inconsciente freudiano seria o oposto do inconsciente lacaniano. O primeiro seria um genial artifício para fazer o real ser apreendido pela malha do sentido e cujo paradigma é o neologismo *jouis sens* (algo como sentido gozado, ou ouço gozo, ou ainda gozo sentido). O segundo, o real de um tropeço *l’Une Bévue* (tal como Lacan traduzirá o *Umbewuste* freudiano), fora do discurso, podendo ou não produzir sentido. Freud estaria assim no avesso de Lacan.

Tratam-se, a meu ver, de proposições que têm um valor essencial para reorganizar nossas concepções habituais, por vezes adormecidas com verdades cristalizadas. Espero, porém, que não sejam tomadas como decretos extremados do fim dos tempos e da importância do Freud para o psicanalista de hoje, como podem tantos proclamar. O importante, parece-me, é o destino que se dará ao *sinthoma* neste ponto de vista radical. A idéia de uma superação, implicada na expressão para-além (do Édipo, de Freud, do Lacan estruturalista etc.) deve ser contrabalançada com a função do *sinthoma* na psicose, que se realiza como construção, invenção, que está no início do trabalho e não necessariamente no final de uma análise.

É justamente em torno do *sinthoma* como construção de escrita em seu aspecto fora do sentido que se centrará Miller no restante da lição. A partir de Joyce, Lacan o chamará de “escabelo”, *escabeau SKBeau*. Com isso indica, creio, tanto a necessidade desta construção para que um acontecimento de corpo possa se dar no campo do sentido quanto que ele ganhe lugar no Outro, para que haja falasser e conseqüentemente Um ego/corpo.

³² Bezerril, C. et alli, “Imagens da Letra”. Em : *Opção lacaniana*, vol. 41. São Paulo: EBP, dezembro de 2004, pp. 119-125

Desta forma, Lacan retoma o tamborete do Seminário 3 de forma nova. Em vez de metáfora de suplência, quase em déficit com relação à neurose, o banquinho agora é a base para que qualquer um de nós possa dizer “eu”. Em vez de bamba compensação pelo imaginário, agora o banquinho é nó fora do sentido, obsceno, pois fora de cena, mas produzindo nela um sentido - para a existência, para o belo, a arte e a vida. Neste banco-escadinha, *belobsceno* no dizer de Lacan, concentra-se muito da operatividade clínica do último ensino de Lacan que, com a intercessão de Miller, apenas começamos a desenhar.